

Dez notas sobre a questão do método em História e Ciências Sociais e Humanas

Marc Jacquinet
Maria Luísa Jacquinet

Novembro de 2023

Resumo

Este texto assume-se como recurso pedagógico de apoio a uma aula de Teoria da História e História Teórica e visa fornecer, a estudantes de História ou Ciências Sociais, noções básicas de epistemologia, ontologia e metodologia, numa perspetiva interdisciplinar.

A questão do método coloca-se de forma idêntica ou muito semelhante em História e nas Ciências Sociais e Humanas. O que difere são os princípios adotados em termos ontológicos e epistemológicos.

Como se verá, do ponto de vista operacional, o leque de abordagens é muito amplo, indo desde o positivismo ao interpretativismo.

Foram selecionados dez tópicos para discussão numa aula virtual, assíncrona ou síncrona, *online* ou presencial, a que se associam atividades formativas que devem refletir a aplicação das referidas noções metodológicas.

No final do texto é apresentada uma bibliografia genérica sobre o tema. Os estudantes devem aprofundar cada um dos tópicos, recorrendo seja às referências sugeridas, seja a recursos académicos e científicos acessíveis através de motores de busca e bases de dados idóneas.

Palavras-chave: método, metodologia, hermenêutica, interpretativismo, positivismo, ontologia, epistemologia, objetivismo, subjetivismo, história, historiografia, construtivismo, realismo, realismo crítico, pós-modernismo, método indutivo, método dedutivo, método abduutivo, desenho de investigação, estratégia de investigação.

* * * * *

CC BY-NC 4.0

Licença Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International (CC BY-NC 4.0)

Introdução

Este texto assume-se como recurso pedagógico de apoio a uma aula de Teoria da História e História Teórica e visa fornecer, a estudantes de História ou Ciências Sociais, de preferência de segundo e terceiro ciclos, noções básicas de epistemologia, ontologia e metodologia, numa perspectiva interdisciplinar.

A questão do método coloca-se de forma idêntica ou muito semelhante em História e nas Ciências Sociais e Humanas. O que difere são os princípios adotados em termos ontológicos e epistemológicos.

Como se verá, a nível operacional, o leque de abordagens é muito amplo, indo desde o positivismo ao interpretativismo, passando pelas questões metodológicas.

Foram selecionados dez tópicos para discussão numa aula virtual, assíncrona ou síncrona, *online* ou presencial, a que se associam atividades formativas que devem refletir a aplicação das referidas noções metodológicas.

O final do texto apresenta uma bibliografia genérica sobre o tema. Os estudantes devem aprofundar cada um dos tópicos, recorrendo seja às referências sugeridas, seja a recursos académicos e científicos acessíveis através de motores de busca, bases de dados e agregadores de conteúdos (google scholar, b-on, Clarivate/Web of Science, Scopus etc.).

Dez questões fundamentais de investigação em ciências sociais

1. Ontologia e epistemologia

A ontologia é um dos ramos da filosofia que estuda a realidade e a questão do ser (sujeito) e do que é. Apresenta-se como a nossa maneira de encarar o mundo, sobre o que consideramos que existe ou não existe. O problema do ser (objeto da ontologia) e, em particular, das sociedades, dos indivíduos, das estruturas, das instituições e interações precede o problema do conhecimento científico e do método.

A ontologia é a reflexão sobre o ser, sobre o que existe, sobre que tipos de fenómenos ou acontecimentos se colocam perante o estudioso da História e dos processos históricos. Trata-se da reflexão filosófica sobre a realidade.

Para os filósofos, a epistemologia é a teoria do conhecimento, que tenta determinar o que podemos conhecer e o que fica além do nosso entendimento.

Muitas abordagens da realidade histórica e dos fenómenos históricos não se preocupam com a ontologia, mas apenas com a epistemologia ou com a metodologia, considerando a ontologia um assunto reservado a filósofos. Esta abordagem não só não é recomendável, como é errada, pois implica renunciar a interrogar plenamente o que é o histórico.

A epistemologia está relacionada com a ontologia. De uma certa ontologia decorre uma epistemologia particular. Se tivermos uma ontologia de atores sociais subjetivos, a epistemologia ficará limitada a esse aspeto subjetivo da realidade social.

2. Positivismo e interpretativismo

O positivismo, em sentido próprio, é a filosofia de Auguste Comte e dos seus mais próximos ou fiéis seguidores.

O positivismo de Comte assume dois diferentes sentidos. Pode entender-se, em primeiro lugar, como método de conhecimento baseado em princípios científicos, em detrimento do idealismo e da crença. Em segundo lugar, pode remeter para um projeto político e ideológico específico de transformação da sociedade que teve, em determinada altura, grande influência.

O interpretativismo é uma abordagem da realidade social que não dá primazia à realidade objetiva, mas à sua interpretação subjetiva. Podemos considerar dois níveis dentro do interpretativismo: um, relacionado com a interpretação de atores sociais, e um outro que decorre da interpretação do observador, como a do historiador que reflete sobre o seu objeto de estudo numa determinada duração.

3. A Hermenêutica

A **hermenêutica** é um método de análise e interpretação que tenta decifrar o sentido dos objetos estudados. Aparece-nos sobretudo aplicada a textos (Schleiermacher, Gadamer, Ricoeur) e, muito particularmente, a textos sagrados (teologia), documentos históricos (Gadamer, Ricoeur, Koselleck), textos jurídicos (direito canónico, direito civil, direito romano, direito constitucional etc.) e textos filosóficos, mas também a símbolos (artes) e a discursos de atores sociais, políticos e económicos. No domínio da Filosofia e do Direito, aplica-se a textos. Em História, a textos, fenómenos e objetos ou outros elementos materiais. No domínio da Economia da inovação, a objetos, artefactos, máquinas e técnicas. Na Arte, a obras e símbolos.

O dicionário *Oxford Bibliographies* define hermenêutica como “a interpretação de um texto, discurso ou expressão simbólica” (consultar lista de referências no final do documento).

O texto e os objetos estudados dão origem a um conjunto de interpretações já estabelecidas ou proferidas, em uso ou desuso, controversas ou não. O trabalho de investigação na ótica hermenêutica é, parcialmente, uma reorganização do legado interpretativo.

Para aprofundar a questão, aconselha-se a consulta da obra de Paul Ricoeur, que tem desenvolvido ampla reflexão sobre História, e outros temas, como a ética, o bem, o mal, o sofrimento, a doença e o sentido da vida.

4. Objetivismo e construtivismo

Um outro binómio da teoria do conhecimento aplicável às ciências sociais e humanas é representado pelo objetivismo e o construtivismo. O objetivismo considera que apenas o conhecimento objetivo é válido e que existe uma realidade objetiva para lá do observador.

O construtivismo, ao invés, considera que o conhecimento é construído pelo observador. Há, neste caso, uma componente de subjetividade que pode ser considerada no observador ou no ator.

Existem gradações entre ambas as posições. Atualmente, a posição dos investigadores rejeita as posições extremadas. Em suma, podemos dizer que construtivismo é uma teoria do conhecimento que afirma que os seres humanos constroem conhecimento e significado a partir das suas experiências. Em vez de adquirirem conhecimento de maneira passiva, as pessoas interpretam e dão sentido ao mundo ao seu redor através de processos ativos de construção mental.

5. Realismo e pós-modernismo

O realismo é uma posição epistemológica que considera que o conhecimento está baseado no estudo da realidade, que é autónoma em relação ao ator ou observador. No pós-modernismo,

diferentemente, o discurso científico já não se preocupa muito com a realidade, mas com os discursos. Nesta última perspectiva, o conhecimento é apenas um discurso que se tenta dotar de sentido, mesmo quando não faz sentido. Há uma tendência, nesta visão da História, de confundir o contexto do passado com o do presente, como se todos os discursos se equiparassem.

O realismo e o pós-modernismo adotam ontologias distintas e muitas vezes opostas. A abordagem mais objetiva centra-se num posicionamento realista, ou seja, há uma realidade que é independente do observador ou investigador. Dentro das suas variantes, uma das mais recentes versões do realismo é o chamado realismo crítico desenvolvido originalmente pelo filósofo Roy Bhaskar e desenvolvido por outros autores, como a socióloga Margaret Archer.

No pós-modernismo, o investigador está mais próximo de uma posição subjetiva, que destaca o caráter relativo do conhecimento. Um ponto fraco do pós-modernismo é o de ter uma ontologia ainda pouco desenvolvida e pouco coerente. Por outro lado, os argumentos a favor de um mundo pós-moderno e de um conhecimento pós-moderno não convencem a maior parte dos cientistas e filósofos, como os seguidores da filosofia analítica, do racionalismo ou da análise racional e objetiva dos fenómenos sociais e históricos.

6. Raciocínio, método indutivo e método dedutivo

Na História e nas Ciências Sociais, a escrita e o estilo são muito relevantes. Há várias maneiras de pensar e escrever a História. Nas Ciências ditas Exatas dominava e domina o método hipotético-dedutivo, no qual uma hipótese é verificada ou contestada através de experiências e dados relevantes. Na História, no entanto, não é tão fácil proceder dessa maneira, com base apenas em métodos quantitativos, como no domínio da Demografia ou da História Económica.

Método Indutivo

O método indutivo é um processo de raciocínio que começa com observações específicas e detalhadas para, posteriormente, desenvolver generalizações ou teorias amplas. Ele é frequentemente associado à ciência empírica e ao processo de coleta de dados para formular hipóteses e teorias.

Podemos referir três componentes basilares do método indutivo:

1. Observação: recolhe-se uma quantidade significativa de dados e observações específicas.
2. Elaboração de padrões: identificam-se padrões ou regularidades nos dados observados.
3. Generalização: desenvolvem-se generalizações ou teorias baseadas nos padrões observados.

Método Dedutivo

O método dedutivo é um processo de raciocínio que parte de premissas gerais e teorias amplas para fazer previsões ou inferências sobre casos específicos. Este método é frequentemente associado ao raciocínio lógico e matemático ou mesmo à Economia, não tanto à História, mas serve de referência para discussões metodológicas.

Por conseguinte, as principais características do método dedutivo são três e consistem numa base (premissas ou hipóteses), num constructo (raciocínio) e em resultados (conclusões):

1. Premissas: começa com premissas ou axiomas gerais que são aceites como verdadeiros.
2. Raciocínio lógico: utiliza a lógica para chegar a conclusões específicas a partir das premissas gerais.
3. Conclusões: as conclusões são necessariamente verdadeiras se as premissas forem verdadeiras.

Cabe referir ainda um ponto sobre os dados recolhidos e respetiva recolha. Em primeiro lugar, os métodos qualitativos são usados por outros tipos de métodos sem pretensão de confirmar ou infirmar uma teoria, como sucede geralmente na historiografia e nas Ciências Sociais. Estes dados qualitativos prestam-se aos métodos interpretativos e à hermenêutica, como vimos. Por outro lado, os dados quantitativos prestam-se mais facilmente a testes de hipóteses, técnicas de medição de parâmetros e integram-se mais facilmente no modelo hipotético-dedutivo.

Abdução

Finalmente, vale a pena considerar a meta-abordagem da abdução, como método a utilizar em casos em que o método dedutivo não funciona e em que existem elementos teóricos e empíricos mais díspares e que necessitam de uma abordagem mais arriscada.

Na lógica filosófica, a abdução é uma das três formas canônicas de inferência, juntamente com a indução e a dedução. Ela envolve a formulação de hipóteses explicativas em relação a factos observados, mesmo que essas hipóteses não sejam necessariamente verdadeiras.

A abdução é usada para estabelecer hipóteses científicas e é aplicada em pesquisas acadêmicas, especialmente na Semiótica, nas Ciências da Comunicação e nas Ciências Sociais. O realismo crítico muitas vezes associa-se ao processo de abdução na pesquisa científica.

Foi Charles Sanders Peirce que definiu a abdução como o terceiro modo de inferência, juntamente com a dedução e a indução. Ele descreveu-a como um processo de raciocínio hipotético-dedutivo que nos permite formular as melhores explicações possíveis para um conjunto de observações e estudos incompletos ou em parte insatisfatórios.

Para terminar, é importante notar que a abdução é um tópico complexo e debatido por filósofos e cientistas há séculos. A definição e características aqui apresentadas são uma síntese das ideias de Peirce, mas outras interpretações e nuances podem ser encontradas na literatura da especialidade.

7. Método e metodologia

Embora os termos "método" e "metodologia" sejam frequentemente utilizados de forma intercambiável, especialmente no contexto da investigação científica, eles possuem definições distintas e representam níveis distintos de abrangência no processo de investigação.

Método

Um método refere-se a um conjunto de procedimentos técnicos e padronizados utilizados para alcançar um objetivo específico. Ele representa o "como fazer" de algo, detalhando as etapas e técnicas a serem seguidas de forma organizada e sistemática.

As características essenciais do método são:

1. Especificidade: o método é direcionado a uma tarefa ou problema particular.
2. Sequencialidade: as etapas do método são definidas numa ordem específica a ser seguida.
3. Padronização: o método visa garantir a replicabilidade e confiabilidade dos resultados.
4. Focalização: o método concentra-se num aspeto específico do problema ou investigação.

Metodologia

A metodologia, por outro lado, refere-se à estrutura geral que fundamenta a escolha e aplicação de métodos específicos. Ela representa o "porquê" por detrás da escolha de métodos e define a visão geral da investigação. Geralmente é considerada mais abstrata e mais relacionada com a Filosofia da Ciência do que a prática em cada disciplina. Pode servir como ponte para perspectivas interdisciplinares ao nível teórico e dos métodos.

Destacamos as seguintes quatro características da metodologia:

1. Abrangência: a metodologia abrange a justificação filosófica, os pressupostos teóricos e os princípios gerais que norteiam a investigação.
2. Coerência: a metodologia garante a coesão entre os diferentes elementos da investigação, desde a coleta de dados até à análise e interpretação dos resultados.
3. Flexibilidade: a metodologia pode ser adaptada às características específicas da investigação e do problema em questão.
4. Fundamentação: a metodologia baseia-se em conhecimentos e teorias relevantes para a área de estudo.

Relação entre método e metodologia:

A metodologia fornece a base para a seleção e aplicação de métodos específicos, enquanto os métodos são as ferramentas utilizadas para coletar, analisar e interpretar dados. A escolha dos métodos deve estar alinhada com a metodologia geral da investigação, garantindo a coerência e a validade dos resultados.

Em resumo, podemos considerar a diferenciação com a seguinte exposição:

- Método: "Como fazer" - Conjunto de procedimentos padronizados para alcançar um objetivo específico.
- Metodologia: "Porquê" - Estrutura geral que fundamenta a escolha e aplicação de métodos, definindo a visão geral da investigação.

8. A questão de investigação (ou problemática) e a área de investigação

No âmbito da investigação científica, a questão de investigação e da área de investigação são elementos conceptuais fundamentais que se complementam e que definem o direcionamento e a abrangência de um estudo.

A questão da investigação (ou problemática) representa o problema central que um estudo se propõe responder. É a pergunta norteadora que guia todo o processo de pesquisa, desde a revisão bibliográfica até à coleta e análise de dados. Uma boa questão de investigação deve ser:

1. Clara e específica: delimitar o problema de forma precisa e evitar ambiguidades.
2. Relevante: possuir significado e importância para a área de estudo e contribuir para o conhecimento existente.
3. Viável: ser passível de investigação com os recursos e métodos disponíveis.
4. Original: abordar um problema novo ou apresentar uma nova perspectiva sobre um tema já conhecido.

Área de investigação:

A área de investigação, por sua vez, refere-se ao campo de conhecimento mais amplo ao qual a questão de investigação pertence. Ela define o contexto teórico e os fundamentos conceptuais do estudo.

Inter-relação entre Questão de Investigação e Área de Investigação:

É óbvio que a questão de investigação e a área de investigação estão intimamente interligadas e se influenciam mutuamente. A área de investigação fornece o contexto para formular a

questão de investigação, enquanto a questão de investigação direciona o foco da pesquisa dentro da área.

A área de investigação inspira a questão de investigação. Ao explorar a área de investigação, o investigador identifica lacunas de conhecimento e problemas que podem ser investigados.

A questão de investigação refina a área de investigação. A formulação da questão de investigação ajuda a delimitar o objetivo da pesquisa e a direcionar o estudo para um aspeto específico da área.

Apesar destas considerações, é importante trabalhar a questão de investigação, mais do que a área de investigação, quando se realiza um trabalho académico especializado, uma dissertação de mestrado ou mesmo uma tese de doutoramento.

E é neste contexto que relembro o conselho de Wayne Booth (*et al.* 2016) sobre a definição da problemática de investigação. Para se poder responder à seguinte questão “Como se focar num problema de investigação?”, há quatro pontos concretos a considerar:

- Encontrar um interesse numa vasta área temática (área problemática).
- Estreitar o interesse a um tópico plausível.
- Questionar o tópico de vários pontos de vista.
- Definir uma fundamentação para o projeto.

9. Desenho de investigação e estratégia de investigação

O desenho de investigação, que segue a definição do objetivo da investigação, consiste em caracterizar o “como” da investigação com os meios, recursos e métodos (métodos significa em grego “caminho certo”).

O desenho de investigação (ou desenho de pesquisa) refere-se ao plano ou estratégia que um investigador segue para responder a uma pergunta de investigação. Ele define o modo pelo qual os dados serão coletados, medidos e analisados, garantindo que o estudo seja sistemático e rigoroso.

10. As metodologias quantitativas e qualitativas (ver pontos 2 e 9)

Acabamos de ver as estratégias de investigação que têm consequências sobre o tipo de métodos e metodologias utilizadas. Aqui vamos nos centrar na parte dos métodos quantitativos, qualitativos e mistos.

No campo da pesquisa científica, as metodologias de pesquisa representam os caminhos estratégicos utilizados para alcançar os objetivos de um estudo. Elas definem as estruturas gerais que orientam a coleta, análise e interpretação de dados, fornecendo um quadro teórico para a investigação. Entre as metodologias mais utilizadas, destacam-se as abordagens quantitativa, qualitativa e mista.

A metodologia quantitativa enfatiza a coleta e análise de dados numéricos para quantificar fenômenos e testar hipóteses. Ela procura generalizar os resultados para uma população mais ampla, utilizando ferramentas estatísticas para identificar padrões, relações e tendências.

As metodologias quantitativa, qualitativa e mista oferecem ferramentas valiosas para a investigação científica, cada uma com as suas características, vantagens e desvantagens. A escolha do método tem que ser equacionada com os objetivos e os constrangimentos do estudante ou do investigador. Também é de realçar que a pesquisa não se limita a ponderar vantagens e desvantagens, mas a realizar um trabalho pertinente, original e que responde a uma questão.

A concluir

Os dez pontos considerados fornecem uma aproximação ao tema da investigação em Ciências Históricas e Sociais, áreas em expansão e contínuo debate, nomeadamente pela mão de novas perspectivas que cruzam teorias e metodologias de várias tradições disciplinares.

Haverá ainda que discutir outros conceitos e mesmo o que se entende por teoria e abordagens teóricas em várias áreas do saber histórico. Questões como “individualismo metodológico *versus* holismo” podem ser discutidas em aula ou sugeridas como trabalho de investigação aos alunos. Outra questão relevante nas Ciências Sociais e na História é o problema das instituições. Por fim, não podemos negligenciar a questão da interdisciplinaridade e a da complexidade (Nsonsissa 2024), desafios relevantes do saber historiográfico.

Referências bibliográficas

- Booth, W. C.; Bizup, J.; Colomb, G. G.; Fitzgerald, W. T.; e Williams, J. M. (2016). *The craft of research*. Chicago, University of Chicago Press.
- George, Theodore, (2021) "Hermeneutics", *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*, Edward N. Zalta (ed.), <https://plato.stanford.edu/archives/fall2021/entries/hermeneutics/>
- Gjesdal, Krisin (2021) "Hermeneutics", em [Kristin Gjesdal](#) (ed.) *Oxford Bibliographies*, <https://www.oxfordbibliographies.com/view/document/obo-9780195396577/obo-9780195396577-0054.xml>
- Jacquinet, Marc (2020) *Breve nota de introdução à metodologia de investigação*, Lisboa, Universidade Aberta, Disponível em <http://hdl.handle.net/10400.2/10677>
- Mantzavinos, C., (2020) "Hermeneutics", *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*, Edward N. Zalta (ed.), URL = [<https://plato.stanford.edu/archives/fall2020/entries/hermeneutics/>](https://plato.stanford.edu/archives/fall2020/entries/hermeneutics/)
- Mouzelis, N. (1997). Social and System Integration: Lockwood, Habermas, Giddens. *Sociology*, 31(1), 111–119. <https://doi.org/10.1177/0038038597031001008>
- Nsonsissa, A. (2024). Complexité et « machine artificielle » selon Edgar Morin: À propos ou l'équivoque de l'innovation sociale aujourd'hui. *Sociétés*, 163, 99-123. <https://doi.org/10.3917/soc.163.0099>
- Oxford Dictionary of Sociology (2021), "System Integration and Social Integration". Oxford Reference, <https://www.oxfordreference.com/view/10.1093/oi/authority.20110803100548288>